

## Literatura Extra-Muros

As Humanidades têm-se transformado em poças de água parada no terreno académico. A investigação e crítica literária encarnam a figura do abutre à espera da morte da vítima, para se alimentar dos corpos que ficam. Do corpo literário do autor não sobram mais do que ossadas de interpretação subjetiva, ideológica e pessoal, elevadas ao patamar de culto elitista, onde o selo de autoridade académica se sobrepõem à libertada criativa, interpretativa e sensível de cada ser individual. O cenário torna-se sombrio quando constatamos que são essas mesmas interpretações, de autoridade académica, que irão definir e limitar aquilo que as nossas crianças lêem, aprendem e decoram enciclopedicamente nas escolas. Pior ainda: todo o sistema educativo vai moldar e interferir na própria paixão individual pela leitura – algumas crianças abraçam-na apaixonadamente por descoberta própria, outras descartam-na vida fora sem nunca entrar em sintonia com o encanto de ler.

Existe um muro entre as humanidades académicas e as Humanidades na sua essência artística. O irónico da questão é que as Universidades, embora completamente passivas no processo de criação literário, assumem todo o protagonismo de autoridade, enquanto os artistas e autores, ponto de origem que irradia, cria, alimenta e concebe todo o manancial literário, são desvalorizados pelo sistema de estatutos sociais. Um doutor académico infelizmente tem poleiro social mais destacado que um artista, sendo o último muito desvalorizado, basta observar os tristes conselhos parentais na hora dos filhos seguirem uma via de estudo – “Arte não dá dinheiro, não dá nada, vai para médico” – muito comum no ceio familiar. No entanto são eles, os artistas, que criam a matéria-prima que servirá de alimento a todo um sistema de estatutos sociais ilusórios – desde exposições, lazer, introspeção, revoluções intelectuais, ou simplesmente material artístico (romances, poemas, música, pintura, etc.) – tudo é alimento para as Humanidades no meio académico, sendo o produto resultante elitista/autoritário. Existe uma enorme ironia em todo o contexto humanista: autores máximos da literatura portuguesa, tais como José Saramago, Fernando Pessoa ou Cesário Verde, nunca completaram estudos universitários em Letras. Os dois últimos chegaram mesmo a ingressar num curso superior de Letras mas desistiram sem completar o primeiro ano. Autores como Eça de Queiroz ou Miguel Torga, embora com estudos académicos, nada têm de comum com as áreas literárias: o primeiro foi advogado e o segundo médico. Penso ser imensamente simbólica esta realidade: entre os grandes pilares literários de Portugal, poucos têm formação superior no ramo das Humanidades. Como podem os investigadores literários reclamar para si mesmos uma autoridade superior, quando de nenhuma forma contribuíram alguma vez para o leito literário com obras de autor reconhecidas? São cegos a governar artistas com olhos de ver.

Uma crítica negativa, com partida do meio acadêmico, é o que muitas vezes basta para comprometer a carreira de um autor. José Saramago foi vítima notória desta realidade, nunca aceite inteiramente pelo meio acadêmico português em vida, devorado por abutres apenas em morte.

Nenhum ser humano individual pode ter autoridade interpretativa sobre uma obra artística. Cada ser é incompleto, fragmentado, cheio de ideologias, partidarismos e concepções pré-concebidas, limitadas e imperfeitas. Como pode uma elite tão reduzida e apática, estagnada e nada produtiva como a comunidade de acadêmicos humanistas, assumir notoriedade e autoridade na interpretação de autores e artistas ativos que em vida foram muitas vezes desconsiderados? – A resposta é óbvia ao coração humilde, mas amarga às almas minadas por ilusões e estatutos sociais. As Humanidades acadêmicas assumem obviamente um importante e claro papel de divulgação e conservação, são os guardiões das obras contra o tempo. Mas nunca deveriam ser figura de autoridade face à sua essência artística. Aliás, é na vertente artística que vive e nasce a realidade das Humanidades, o segmento acadêmico é apenas uma extensão secundária que deveria servir, nunca servir-se da primeira vertente.

*Paulo Jorge Pereira Martins*